

ELSINORE

J. G. Ballard

Tradução de
Marta Mendonça



REINO
do
AMANHÃ

Quando o consumismo
é o novo fascismo.

ÍNDICE

09

Parte I

—

- A Cruz de São Jorge, 11
- O Regresso a Casa, 23
- O Tumulto, 33
- O Movimento de Resistência, 43
- O Metro-Centre, 53
- Rumo a Casa, 67
- Serpentes e Escadas, 73
- Urgências, 81
- A Praia no Holiday Inn, 87
- Gente de Rua, 95
- Uma Noite Difícil, 103
- Palácios de Néon, 107
- Duncan Christie, 115
- Rumo a uma Demência Voluntária, 125
- O Prisioneiro na Torre, 139
- O Ataque Bombista, 145
- A Geometria da Multidão, 151
- Uma Revolução Falhada, 159
- A Necessidade de Compreender, 163
- O Autódromo, 171
- Uma Nova Política, 177

187

Parte II

—

- O Herói de Gabardina, 189
- O Centro de Acolhimento de Mulheres, 197
- Um Estado Fascista, 207
- Sozinho, Perdido e Zangado, 213
- Uma Bala na Mão, 225
- Um Intervalo Ansioso, 233
- A Investigação do Velhote, 239
- A Cidade Ameaçada, 247
- Assassínio, 251
- «Defender a Cúpula!», 257
- A República do Metro-Centre, 265

273

Parte III

—

- A Vida Consumista, 275
- O Trabalho Liberta-te, 285
- Normalidade, 293
- Santuários e Altares, 301
- Orações e Ciclos de Lã, 307
- Conte-lhe, 313
- A Última Resistência, 327
- Estratégias de Fuga, 335
- Um Culto Solar, 339

PARTE I

A CRUZ DE SÃO JORGE

Os subúrbios sonham com a violência. Adormecidos nos seus casarões soporíferos, abrigados por centros comerciais benevolentes, aguardam pacientemente os pesadelos que os irão despertar para um mundo mais entusiasmante...

Quem me dera, disse eu para os meus botões, enquanto o aeroporto de Heathrow diminuía de tamanho no retrovisor, mais do que uma palermice, um hábito antigo de publicitário, este de dar mais importância ao invólucro do que propriamente ao conteúdo. Mas eram pensamentos difíceis de ignorar. Virei o *Jensen* para a faixa de rodagem mais lenta da M4 e comecei a ler as placas de sinalização que me davam as boas-vindas aos subúrbios longínquos de Londres. Ashford, Staines, Hillingdon — destinos impossíveis que figuravam unicamente nos mapas mentais de técnicos de marketing desesperados. Para lá de Heathrow ficavam os impérios do consumismo e o mistério que me tinha massacrado a cabeça até ao dia em que saí da agência pela última vez. Como despertar uma gente adormecida que tudo tinha, que adquirira todos os sonhos que o dinheiro pode comprar e que sabia ter encontrado uma pechincha?

O indicador do pisca lampejava no painel de instrumentos, uma seta irritante que eu tinha a certeza de que não acionara. Mas noventa metros adiante havia uma via de saída que, por alguma razão, eu sabia que me esperava. Reduzi a velocidade e saí da autoestrada, transpondo uma passagem hidráulica relvada que curvava sobre si mesma e passando por uma placa que me incitava a visitar um parque

empresarial e um centro de conferências novos. Pus o pé no travão, pensei em fazer inversão de marcha de volta à autoestrada e depois desisti. Devemos deixar sempre a estrada decidir.

Tal como acontecia a muitos habitantes do centro de Londres, sentia-me algo apreensivo sempre que deixava o interior da cidade e me aproximava das zonas suburbanas. Mas, na verdade, passara toda a minha carreira de publicitário a cortejar ardentemente os subúrbios. Longe da metrópole agitada e péssima para as sinapses, as cidades periféricas que dormitavam encostadas ao ombro protetor da M25 eram praticamente uma invenção da indústria publicitária, ou pelo menos assim o julgavam executivos de contas como eu. Os subúrbios, estávamos nós absolutamente convencidos, definiam-se pelos produtos que lhes vendíamos, pelas marcas, marcas registadas e logótipos que por si só definiam as suas vidas.

Contudo, por algum motivo resistiam-nos, cada vez mais atrativos e confiantes, o verdadeiro centro da nação, mantendo-nos constantemente à distância. Contemplando o mar sereno de frontões de tijolo, bem como os agradáveis parques e recreios, senti um certo ressentimento, a mesma dor que recordava ter sentido quando a minha mulher me beijara com carinho, me acenara algo timidamente à porta do nosso apartamento em Chelsea e me deixara para sempre. O afeto tinha a capacidade de se revelar nos momentos mais cruéis.

Mas eu tinha um motivo especial para me sentir apreensivo — escassas semanas antes, esses simpáticos subúrbios tinham-se erguido e rosnado, e depois tinham-se lançando em frente para matar o meu pai.

Às nove horas nessa manhã, quinze dias após o funeral do meu pai, parti de Londres em direção a Brooklands, a cidade entre Weybridge e Woking que se desenvolvera em torno do autódromo dos anos trinta. O meu pai passara a sua infância em Brooklands e, depois de uma vida inteira no ar, o velho piloto de companhia aérea regressara a esse mesmo local para desfrutar a sua reforma. Eu tencionava

telefonar aos seus advogados, certificar-me de que a homologação do testamento tinha sido posta em marcha e pôr o seu velho apartamento à venda, fechando assim, formalmente, uma vida que eu nunca partilhara. Segundo o advogado dele, Geoffrey Fairfax, o apartamento ficava muito próximo do autódromo abandonado, um sonho de velocidade que devia recordar o velhote de todas as pistas de descolagem que ainda ocupavam a sua mente. Quando arrumasse as fardas dele e trancasse a porta atrás de mim, uma última meta final surgiria perante o antigo piloto da British Airways, um pai ausente que em tempos eu idolatrara, mas com quem raramente convivera.

Deixou a minha mãe, uma mulher muito irritável, com uma força de vontade tremenda, quando eu tinha cinco anos, voou milhões de milhas até aos aeroportos mais perigosos do mundo, sobreviveu a duas tentativas de desvio de avião e acabou por morrer num estranho tiroteio num centro comercial suburbano. Ocultando uma arma, um doente mental em liberdade condicional entrou no átrio do Metro-Centre, em Brooklands, e disparou ao acaso sobre a multidão da hora do almoço. Morreram três pessoas e quinze ficaram feridas. Uma única bala tinha matou o meu pai, uma morte que faria mais sentido em Manila, Bogotá ou na zona este de Los Angeles, em vez de num subúrbio arborizado inglês. Infelizmente, o meu pai tinha sobrevivido aos seus familiares e à maioria dos seus amigos, mas, pelo menos, eu tratara do serviço fúnebre e despedira-me dele na sua passagem para o outro lado.

Ao deixar a autoestrada para trás, a ideia de rodar efetivamente a chave na fechadura da porta de entrada do meu pai assomou ao para-brisas qual HUD¹ ligeiramente ameaçador. Uma grande parte dele ainda estaria lá — o seu odor nas toalhas e peças de roupa, o conteúdo do seu cesto da roupa suja, o cheiro invulgar a bestsellers antigos nas suas estantes. Mas a sua presença seria contrabalançada pela minha

¹ *Head-Up Display*, pequeno mostrador holográfico criado originalmente para a aviação (com o intuito de evitar que o piloto fosse obrigado a desviar o olhar) e que, atualmente, existe também na indústria automóvel. [N. da T.]

ausência, falhas visíveis em toda a parte como alvéolos vazios numa colmeia, vazios humanos que o seu próprio filho nunca fora capaz de preencher depois de ele trocar a família por um universo de céus.

Esses espaços existiam igualmente dentro de mim. Em vez de ter passado horas no Harvey Nichols com a minha mãe ou de ter aturado um chorrilho de chás no Fortnum, devia ter estado com o meu pai a construir o nosso primeiro papagaio de papel, a jogar críquete francês no jardim, a aprender a acender uma fogueira e a manobrar um pequeno barco a remos. Pelo menos, acabei por enveredar por uma carreira em publicidade, bem-sucedida até ter cometido o erro de me casar com uma colega de trabalho, proporcionando a mim mesmo uma rival que jamais seria capaz de derrotar.

Cheguei ao final da via de saída, seguindo atrás de um enorme camião carregado de microcarros, todos eles tão brilhantes que davam vontade de comer ou, pelo menos, de lambar, maçãs de celulose caramelizadas iluminando o dia. O transportador parou no semáforo, um touro de ferro a postos para irromper na arena que era a estrada aberta, e depois ribombou em direção a um complexo industrial próximo.

Eu já estava perdido. Tinha enveredado por aquilo que o mapa das estradas descrevia como sendo uma zona de cidades antigas no Vale do Tamisa — Chertsey, Weybridge, Walton —, mas não estava a ver nenhuma cidade e havia poucos indícios de povoação humana permanente. Avançava por uma extensão de expansão interurbana, uma geografia de privação sensorial, uma zona com estradas de duas faixas e estações de serviço, *retail parks* e placas indicando a direção para Heathrow, terrenos agrícolas não cultivados cheios de tanques de gás butano e armazéns revestidos a folhas de metal exóticas. Passei por uma zona industrial abandonada dominada por um letreiro enorme que anunciava o prolongamento sul de Heathrow, com a sua capacidade ilimitada de embarque, embora se tratasse de um terreno vazio, onde tudo já tinha seguido viagem. Nada agora fazia sentido exceto em termos de uma cultura de aeroporto efémera. Sinais de aviso alertavam-se uns aos outros

e toda a paisagem encontrava-se codificada para o perigo. Havia câmaras de vigilância montadas em cima de portões de armazéns e sinais luminosos piscavam incansavelmente, sinalizando os santuários de parques tecnológicos de alta segurança.

Uma série de edifícios pequenos surgiu adiante, escondidos na sombra do talude de um reservatório, e a única coisa que lhes conferia um ar de comunidade eram os *stands* de carros usados que os circundavam. Avançando na direção de um hipotético sul, passei por um restaurante chinês, um armazém de móveis a preços de saldo, canis de cães de ataque e uma urbanização deprimente que fazia lembrar um campo prisional parcialmente reabilitado. Não havia cinemas, igrejas ou centros sociais, e os intermináveis painéis publicitários que anunciavam um consumismo lustroso constituíam a única vida cultural.

À minha esquerda, o trânsito descia uma rua lateral, carros de família à caça de um sítio para estacionar. A quase trezentos metros de distância, uma fileira de montras de lojas refletia a luz do sol. Uma cidade suburbana tinha-se materializado no nexo entre as vias de acesso e as estradas com duas faixas de rodagem. A salvação oferecia-se ao viajante perdido sob a forma de letreiros de néon no exterior de uma cadeia de artigos de jardinagem e de uma agência de viagens que anunciava «lazer para executivos».

Esperei pela mudança do sinal, uma eternidade comprimida em poucos segundos. Os semáforos presidiam como divindades tacanhas sobre os seus cruzamentos desertos. Carreguei no acelerador, pronto para passar o sinal vermelho, e apercebi-me de que um carro da polícia estava parado atrás de mim. Tal como a cidade ali ao lado, materializara-se do nada, alertado pela imaginação fantasista de um condutor impaciente ao volante de um carro desportivo potente. Toda a paisagem defensiva parecia esperar que um crime fosse cometido.

Dez minutos mais tarde, sentei-me numa banquetta de um restaurante indiano deserto algures no centro da cidade, próximo da

saída da autoestrada que surgira em meu auxílio. Estendendo o meu mapa por cima da ementa velha, um folheto com páginas laminadas que permanecia inalterado há vários anos, tentei descobrir onde me encontrava. Algures a sudoeste de Heathrow, calculava eu, numa dessas cidades à beira da autoestrada que tinha crescido desenfreadamente desde os anos sessenta, lar de uma população que só se sentia completamente à vontade perto do perímetro de um aeroporto internacional.

Neste lugar, uma estação de serviço junto a uma estrada com duas faixas de rodagem imprimia um sentido de comunidade mais profundo do que qualquer igreja ou capela, uma maior consciência de cultura partilhada do que uma biblioteca ou uma galeria municipal poderiam oferecer. Eu tinha deixado o *Jensen* no parque de estacionamento de vários pisos que dominava a cidade, um enorme edifício de cimento com dez andares inclinados, mais misterioso do que o labirinto do Minotauro, em Cnossos — onde, algo perversamente, a minha mulher sugerira que passássemos a nossa lua de mel. Mas a presença dessa vasta estrutura refletia o truísmo de que o estacionamento estava prestes a tornar-se uma das maiores necessidades espirituais da população britânica.

Estendendo-lhe o mapa, perguntei ao gerente onde nos encontrávamos, mas ele estava demasiado distraído para me responder. O bengalês, na casa dos cinquenta anos, observava nervosamente o trânsito que descia a estrada principal. Alguém tinha atirado um tijolo à montra e uma racha imensa percorria o vidro do teto ao chão. O gerente tentara levar-me para a zona traseira do restaurante vazio, dizendo que a mesa junto à janela se encontrava reservada, mas eu ignorara-o e sentara-me ao lado do vidro fraturado, curioso para observar a cidade e a sua rotina diária.

Os transeuntes estavam demasiado ocupados com as suas compras para repararem em mim. Tinham um ar abastado e satisfeito, passeando com confiança pela cidade que era inteiramente composta por lojas e pequenos armazéns. Até o centro de saúde se redefinira como espaço de vendas, com a sua montra repleta de kits para medir

a tensão e DVD de *fitness*. As ruas estavam muito iluminadas e impecavelmente limpas, o completo oposto do centro de Londres, que eu conhecia. Fosse qual fosse o nome daquela cidade, não havia passeios com jornais a esvoaçarem nem pastilhas elásticas coladas no chão, nada de cidadania de caixas de cartão. Tratava-se de um lugar onde era impossível pedir um livro emprestado, ir a um concerto, dizer uma oração, consultar um registo paroquial ou doar dinheiro a uma instituição de caridade. Em suma, a cidade era o resultado final do consumismo. Agradava-me e eu sentia um certo orgulho por ter contribuído para a definição dos seus valores. A história e a tradição, a morte lenta por asfixia de uma Grã-Bretanha mais antiga, não tinham qualquer papel na vida das suas gentes. Existiam num presente comercial eterno, onde as mais profundas decisões morais diziam respeito à aquisição de um frigorífico ou de uma máquina de lavar roupa. Mas pelo menos esses nativos do Vale do Tamisa, com a sua cultura de aeroporto, jamais desencadeariam uma guerra.

Um casal de meia-idade simpático parou junto à montra, apoiando-se um no outro numa demonstração de afeto. Feliz por eles, dei uma pancadinha no vidro partido e mostrei-lhes o polegar num gesto vigoroso. Assustado com a aparição sorridente a escasos centímetros dele, o marido deu um passo em frente para proteger a esposa e, em seguida, tocou na bandeira de metal que trazia na lapela do casaco.

Eu tinha visto essa mesma bandeira quando atravessara a cidade: a cruz de São Jorge sobre o fundo branco, esvoaçando por cima das urbanizações e *retail parks*. A cruz vermelha do cruzado estava por todo o lado, hasteada em mastros nos jardins da frente, conferindo à cidade anónima um ar festivo. Uma coisa era certa, aqueles habitantes tinham orgulho no facto de serem ingleses, uma crença profunda que nenhum exército de publicitários alguma vez lhes poderia tirar.

Beberricando a minha cerveja sem sabor — mais um triunfo da agência —, estudei o mapa, enquanto o gerente rondava a minha mesa. Mas não estava com pressa nenhuma de fazer o meu pedido e não era só por já ter uma ideia do tipo de comida em oferta. O único ponto fixo

no mapa era o apartamento do meu pai em Brooklands, poucos quilómetros a sul do sítio onde me encontrava. Quase conseguia acreditar que ele estaria à minha espera atrás da sua secretária, preparado para me entrevistar para um novo posto: o cargo de ser seu filho.

O que veria ele nesses cruciais trinta segundos em que o entrevistado entra na sala? Candidato: Richard Pearson, quarenta e dois anos, executivo de contas desempregado. Simpático, mas com um ar ligeiramente desonesto. Em tempos, fumador às escondidas e ex-jogador de Wimbledon com uma epicondilite no cotovelo direito. Marido fracassado, completamente enganado pela ex-mulher. Bem-disposto e otimista, mas, no seu íntimo, um pouco desesperado. Vê-se a si mesmo como uma espécie de terrorista, mas só tem realmente jeito para aquecer as pantufas do velho capitalismo. Candidato ao cargo de filho e herdeiro, apesar de muito confuso em relação a direitos e deveres.

Eu estava muito confuso — e não apenas no que dizia respeito ao meu pai.

Uma semana antes da sua morte, tinha levado uma amiga próxima ao aeroporto de Gatwick, após o que tinham sido os meses mais felizes na minha vida em muitos anos. Professora canadiana numa pausa sabática, ia regressar ao seu emprego no departamento de História Moderna na Universidade de Vancouver. Eu gostava da sua autoconfiança e sentido de humor, da sua preocupação sincera comigo. «Vá lá, Dick! Atira-te de cabeça! Dá o salto!» Falava sobre a possibilidade de eu ir ter com ela, talvez arranjan-do emprego no departamento de Estudos de Comunicação Social. «É uma lixeira académica, mas tu consegues dar a volta à coisa.» Ela sabia que eu tinha sido despedido da agência — a minha última campanha fora um fiasco dispendioso — e incentivou-me a olhar para mim próprio com olhos de ver, nunca uma proposta agradável. Comecei a sentir intensamente a sua falta um mês antes de ela ter de partir e estava mais do que tentado a puxar o cabo de abertura do paraquedas e juntar-me a ela.

Então, na zona das partidas de Gatwick, ela descobriu o meu passaporte na sua mala, arrumado num bolso lateral desde o nosso regresso de um fim de semana em Roma. Estupefacta, fitou a fotografia do criminoso de guerra. «Richard... quem? Meu Deus, Dick! És tu!» Deu um guincho tão estridente que alertou um segurança. Entendi-o como sendo um importante sinal inconsciente. Vancouver e a escapadela para o mundo académico teriam de esperar. Se alguém que gostava de mim e partilhava a minha cama era capaz de se esquecer do meu nome ao primeiro vislumbre da sala de espera de um aeroporto, eu precisava urgentemente de me reinventar. Talvez o meu pai me pudesse ajudar.

Terminei a minha cerveja sob o olhar do gerente, que se tinha aproximado do vidro e fitava, com um ar apreensivo, o céu por cima da garagem de vários pisos. Estava prestes a perguntar-lhe sobre os crachás com a cruz de São Jorge usados por muitos dos transeuntes, mas ele voltou o letreiro de «Fechado» para a rua e retirou-se rapidamente para a parte de trás do restaurante. Soaram sirenes e grupos de pessoas às compras ergueram o olhar para as nuvens de fumo que pairavam nas imediações. Dois carros da polícia passaram a toda a velocidade com as luzes do tejadilho a piscarem.

Tinha acontecido alguma coisa, perturbando a profunda paz consumista. O gerente desapareceu para a cozinha e uma voz feminina deu um grito alarmado. Deixando dinheiro suficiente para pagar a conta, dobrei o mapa, destranquei a porta e saí do restaurante. Um carro de bombeiros abriu caminho por entre a multidão, a sirene transformando o ar numa dor de cabeça. Segui-o a pé, passando pelos peões que olhavam fixamente o céu escurecido.

A algumas centenas de metros do centro da cidade, perto da estrada que eu tinha tomado ao sair da autoestrada, um carro ardia no perímetro de um bairro social modesto. Os residentes encontravam-se parados nos respetivos jardins da frente, contemplando de braços cruzados as chamas que se erguiam de um *Volvo* destruído. Um polícia descarregava o conteúdo do seu extintor de incêndios nos lugares dos passageiros, ao mesmo tempo que outro

agente fazia recuar a multidão. Estavam a olhar fixamente para a casa dilapidada de um dos seus vizinhos, onde se via uma agente da polícia à porta fitando o jardim negligenciado com uma expressão resignada. Marcas de tinta branca compunham uma frase de mau gosto sobre a alvenaria e eu parti do pressuposto de que o pouco popular recém-chegado viera conspurcar o ambiente do bairro – talvez um assassino libertado da prisão ou um pedófilo exposto pelos vigilantes locais que tinham incendiado o carro.

Abri caminho por entre os curiosos, muitos ainda segurando os seus sacos de compras, observando a cena como se se tratasse de uma demonstração publicitária inesperada numa grande loja aborrecida. As suas expressões eram hostis, mas atentas, e ignoraram o carro de bombeiros que parou atrás deles. Estavam a ser liderados por três homens vestidos com camisolas com a cruz de São Jorge, posicionados ao lado do portão, funcionários de uma loja de ferragens local cujo logótipo se encontrava gravado nos seus bolsos do peito. A sua presença musculada e ligeiramente paranoica fazia-me lembrar os *stewards* num jogo de futebol, mas não havia nenhum estádio nas redondezas e o único desporto existente estava a ter lugar defronte daquela casa geminada semidestruída.

– O que se passa? Está alguém escondido lá dentro? – perguntei a uma mulher baixa e forte que murmurava para os seus botões, ao mesmo tempo que a filha erguia o olhar arregalado para mim. Mas a minha voz foi abafada pelo rugido da multidão. A porta da casa tinha-se aberto e um homem de barba, envergando um turbante e um manto preto, estava parado na soleira, fazendo sinal para os rostos ansiosos no corredor atrás de si. Por cima da porta via-se uma pequena placa de cerâmica com uma inscrição em árabe e percebi que aquela modesta casa suburbana era uma mesquita. Estava a presenciar o desenrolar de uma limpeza religiosa.

Instruído pela agente da polícia, o imã mandou os seus seguidores para o jardim. Três jovens asiáticos envergando calças de ganga e t-shirts brancas saíram para a luz, seguidos por um idoso paquistanês e uma mulher vestida com uma jelaba, carregando

uma mala de viagem. Cabisbaixos, avançaram por entre a multidão, agora silenciosa, sob a proteção dos bombeiros e da polícia. Ao passar por mim, a mulher tropeçou no passeio e eu senti o odor a bafio e a transpiração do seu manto, o fedor a medo.

Ergui as mãos para a ajudar, mas um ombro forte fez-me desequilibrar. Dois dos empregados da loja de ferragens vestidos com camisolas com a cruz de São Jorge bloquearam-me a passagem, semicerrando os olhos por cima da minha cabeça. Tropecei e caí sobre o joelho ao lado do *Volvo*, pousando as minhas mãos num pedaço chamuscado do assento de plástico. Pernas passaram por cima de mim com os sacos de compras balouçando junto ao meu rosto. Sem um único comentário, a mulher-polícia ajudou-me a levantar e acompanhou-me por entre a multidão até ao seu carro, onde o imã se encontrava sentado no banco de trás. A sua pequena congregação evaporara-se no ar cheio de fumo.

— Está com ele? — A mulher-polícia abriu-me a porta do lugar do passageiro. — Pode ir à frente?

— Não, não. Estou de passagem. Sou um turista.

— Um turista? Não temos cá muitos desses. — Fechou a porta com força e virou-me as costas. — Para a próxima experimente o Metro-Centre, em Brooklands. Ou Heathrow... lá, toda a gente é bem-vinda.

Regressei ao parque de estacionamento, já nada surpreendido com o facto de a mulher-polícia considerar um centro comercial e um aeroporto atrações turísticas. Tinha acabado de testemunhar uma forma muito suburbana de tumulto racial, que quase não perturbara o comércio pacífico da cidade. As pessoas que andavam às compras deambulavam com satisfação, como gado dócil. Nenhuma voz se erguera, nenhuma pedra fora arremessada e nenhuma violência fora demonstrada, exceto para com o velho *Volvo* e para comigo.

Saí com o carro do parque de estacionamento, seguindo uma placa que indicava a direção para Shepperton e Weybridge, contente por deixar aquela cidade estranha. Aceitei o facto de um novo

J.G. BALLARD

tipo de ódio ter emergido, silencioso e disciplinado, um racismo aligeirado por cartões de cliente e códigos pessoais. Fazer compras era agora o modelo para todo o comportamento humano, destituído de emoção e raiva. A decisão dos moradores do bairro de rejeitarem o imã era um exercício de liberdade do consumidor.

Por toda a parte, bandeiras com a cruz de São Jorge hasteadas, desde os jardins suburbanos às estações de serviço e postos de correios, enquanto aquela cidade sem nome comemorava a sua mais recente vitória.

O REGRESSO A CASA

As viagens raramente terminam quando penso que terminam. Muitas vezes, uma mala esquecida segue em frente e fica a aguardar por mim quando menos espero, andando às voltas num tapete rolante vazio, como uma prova prestes a ser apresentada em tribunal.

Aeroportos, chegadas e a partida de um velho piloto ocupavam a minha mente quando, uma hora mais tarde, entrei em Brooklands. À minha volta via-se uma cidade próspera no Vale do Tamisa, uma agradável extensão de terra com boas casas, sofisticados edifícios de escritórios e *retail parks* — tudo isso a imagem do homem da Grã-Bretanha do século XXI. Passei por um estádio desportivo a estrear que se assemelhava a uma discoteca a céu aberto, com ecrãs que exibiam um anúncio sobre segurança rodoviária que se metamorfoseava habilmente numa elegante publicidade a um cartão de crédito de platina. Brooklands estava nas sete quintas. A prosperidade emanava de cada telha, de cada caminho de gravilha de acesso à garagem, de cada *labrador* amarelo e de cada adolescente que cavalgava o seu pequeno cavalo de sela bem treinado.

Mas eu continuava a pensar na mulher muçulmana assustada que tinha sido escoltada da pequena mesquita, no fedor ácido do seu manto e no odor a pavor que nenhum perfume conseguiria disfarçar. Algo tinha corrido terrivelmente mal na região do Vale do Tamisa e eu já estava a identificá-la com o meu pai, outra vítima de uma doença ainda mais profunda do que o consumismo.

Três semanas antes, o meu pai — o capitão Stuart Pearson, antigo piloto da British Airways e da Middle East Airlines — tinha saído de casa para o seu habitual passeio de sábado à tarde ao Metro-Centre, em Brooklands. Ainda cheio de energia aos setenta e cinco anos, percorreu a pé os cerca de setecentos metros que levavam ao complexo comercial, resposta da zona oeste de Londres ao centro comercial Bluewater, nas proximidades de Dartford. Juntando-se à multidão de pessoas às compras, atravessara o átrio central a caminho da tabacaria que comercializava o seu tabaco *Dunhill* favorito.

Pouco depois das duas da tarde, um atirador tresloucado abriu fogo sobre a multidão, matando três clientes e ferindo outros quinze. O atirador escapou na confusão que se seguiu, mas, pouco depois, a polícia deteve um jovem: Duncan Christie, um paciente mental com registo criminal e um longo historial de distúrbios na via pública a desfrutar um dia de saída precária. Já anteriormente tinha levado a cabo uma excêntrica campanha contra o enorme centro comercial e várias testemunhas tinham-no visto a fugir da cena do crime.

O meu pai foi atingido na cabeça por uma única bala e ficou inconsciente, apesar de outros clientes o tentarem reanimar. Foi levado para o Hospital de Brooklands juntamente com os outros feridos e, mais tarde, transferido de helicóptero para a unidade especializada em Neurologia no Hospital Royal Free, onde faleceu no dia seguinte.

Eu não via o meu pai há vários anos e, na morgue do hospital, não reconheci o rosto pequeno e envelhecido que se agarrava às saliências ossudas do seu crânio. Tendo em conta que passara quinze anos no Dubai, não esperava ver muita gente no serviço fúnebre, no crematório do norte de Londres. Um grupo de pilotos idosos despediu-se dele, figuras grisalhas e robustas com milhões de milhas nos olhares firmes. Não havia amigos de Brooklands, mas a representante do advogado dele, uma mulher agradável na casa dos quarenta, de seu nome Susan Dearing, chegou no momento em

que o serviço fúnebre estava a começar e entregou-me as chaves do apartamento do meu pai.

Para minha surpresa, apareceu um representante do Metro-Centre, um ambicioso jovem diretor do departamento de Relações Públicas que se apresentou a todos os presentes como Tom Carradine e que parecia encarar até mesmo aquele acontecimento mórbido como uma oportunidade de marketing. Esforçando-se por disfarçar o seu sorriso profissional, convidou-me a visitar o centro comercial na minha próxima visita a Brooklands, como se alguma coisa de positivo pudesse ainda emergir daquela tragédia. Calculei que marcar presença nos funerais dos clientes que tinham morrido nas instalações fizesse parte do serviço pós-venda do centro comercial, mas estava demasiado perturbado para o mandar passear.

Dois jovens esgueiraram-se para uma das últimas filas de lugares, ao mesmo tempo que um solo de órgão gravado se fazia ouvir através de uma abertura oculta, uma música que somente os mortos poderiam apreciar, o som de caixões rangendo como as madeiras de galeões fustigados pela tempestade. Uma das mulheres deu uma risada quando o capelão começou a sua homília. Desconhecendo por completo o meu pai, via-se forçado a recitar o interminável rol de rotas pilotadas pelo capitão Pearson.

— No ano seguinte, o Stuart deu por si a voar rumo a Sydney...
— Até eu deixei escapar um risinho.

As mulheres foram-se embora assim que a cerimónia terminou, mas apanhei uma delas a observar-me do parque de estacionamento enquanto a amiga procurava as chaves. De cabelo escuro, com o tipo de beleza em desalinho que desinquieta os homens, parecia demasiado nova para ser uma das namoradas do meu pai, mas eu não sabia nada sobre os últimos dias daquele velho lobo dos ares. Esperou, irritada, enquanto a amiga tentava abrir a fechadura do carro e depois tentou esconder-se no lugar do passageiro. Quando o carro passou por mim, fitou-me e acenou com a cabeça para si mesma, interrogando-se claramente se eu seria demasiado vulgar

ou insignificante para chegar aos calcanhares do meu pai. Por algum motivo, fiquei com a certeza de que nos tornaríamos a ver.

A marcha do trânsito em direção a Brooklands abrandara, enchendo a autoestrada de seis faixas construída para chamar a população do sudeste da Inglaterra para o Metro-Centre. Dominando a paisagem em redor, a enorme cúpula de alumínio albergava o maior centro comercial da cidade de Londres, uma catedral de consumismo cujas congregações excediam em muito as das igrejas cristãs. O telhado prateado erguia-se acima dos edifícios de escritórios e hotéis circundantes como a carapaça de uma aeronave gigante. Com traços próximos do Millenium Dome, em Greenwich, a estrutura justificava plenamente o seu nome, posicionada no coração de uma nova metrópole que rodeava Londres, uma cidade periférica que acompanhava o trajeto das grandes autoestradas. O consumismo dominava a vida das suas gentes que, independentemente do que estivessem a fazer, pareciam estar sempre às compras.

Contudo, havia indícios de que algumas serpentes se tinham infiltrado nesse paraíso comercial. Brooklands era uma antiga capital de distrito, mas nos subúrbios mais pobres passei por lojas asiáticas vandalizadas, quiosques entaipados e revestidos com autocolantes de São Jorge. Via-se uma quantidade excessiva de slogans e *graffiti*, demasiadas insígnias do BNP² e do KKK desenhadas em janelas rachadas, demasiadas bandeiras com a cruz de São Jorge hasteadas em casas de madeira suburbanas. Nunca muito longe dos muros defensivos das autoestradas, percebia-se uma certa paranoia generalizada, como se as pessoas da cidade comercial antecipassem algum acontecimento violento.

Incapaz de respirar dentro do *Jensen* rebaixado, abri o vidro do meu lado, preferindo o microclima rodoviário de vapores de gasolina e gasóleo. O trânsito dispersou-se e virei à esquerda ao ver a placa

² Partido Nacionalista Britânico. [N. da T.]

«Museu Automóvel de Brooklands», descendo uma avenida de casas isoladas por trás de muros altos. O meu pai criara o seu último lar num complexo residencial composto por prédios de três andares num parque paisagístico, cujo acesso era feito por uma estrada estreita à saída da avenida principal. Conduzindo por entre as sebes de alfe-neiros, ainda tentava preparar respostas apropriadas para a «entrevista» que iria decidir a minha competência para o cargo de filho dele, uma candidatura que me fora recusada há quase quarenta anos.

De forma subconsciente, recandidatava-me ao cargo sempre que o via — apesar de ter sido sempre afetuoso, era distante, como se se cruzasse com um membro subalterno de uma antiga equipa de cabina. A minha mãe enviava-lhe pormenores sobre os meus resultados escolares e, mais tarde, a minha fotografia da cerimónia de formatura pela London School of Economics, mas somente para o irritar. Felizmente, tinha perdido o interesse nele durante a minha adolescência e a última vez que o vira fora no funeral da minha madrastra, estando ele demasiado perturbado para falar.

Sempre desejara que ele gostasse de mim, mas voltei a pensar na mala de viagem esquecida no tapete rolante vazio. Qual seria a minha reação se me deparasse com uma fotografia minha emoldurada em cima da sua lareira e um álbum carinhosamente repleto de recortes da *Campaign* sobre a minha, então, bem-sucedida carreira?

Com as chaves da porta na mão, saí do carro e atravessei a gravilha funda até à entrada, quase à espera de ver os vizinhos emergirem dos seus apartamentos para me cumprimentar. Curiosamente, nem uma janela ou cortina se mexeu e subi os degraus até ao pátio do último piso. Contei até cinco, rodei a chave e entrei na casa.

As cortinas estavam parcialmente corridas e a luz ténue parecia iluminar o que era, sem sombra de dúvida, um cenário. Tratava-se do apartamento de um homem de idade, com a típica poltrona em pele e o candeeiro de leitura, o suporte para cachimbos e a caixa especial para guardar o tabaco. Quase esperava ver o meu pai aparecer em cena, caminhar até ao móvel de bebidas de pau-rosa

e servir-se de um uísque com água gaseificada, indo buscar, em seguida, um dos seus livros favoritos à estante e folhear as páginas. Só faltava o telefone tocar, para dar início à peça.

Infelizmente a peça tinha chegado ao fim e o telefone jamais tocaria, pelo menos, não para o meu pai. Tentei fazer desaparecer a cena da minha mente, irritado com o meu próprio desembaraço, esse defeito profissional de trivialização de toda a vida em lugares-comuns de anúncio de televisão. A correspondência por abrir em cima da mesinha do corredor despertou-me para a realidade sombria. Curiosamente, vários dos envelopes exibiam faixas negras e eram dirigidas ao meu pai, como se ele próprio as fosse ler.

Atravessei a sala de estar e abri as cortinas. A luz forte do jardim atravessou o cheiro a tabaco bafiento e a recordações ainda mais bafientas. Diante de mim, acima das casas e dos blocos de escritórios, surgia a cúpula prateada do Metro-Centre, dominando a paisagem a oeste de Londres. Pela primeira vez, constatei que a sua presença era quase tranquilizadora.

Durante a hora que se seguiu, deambulei pelo apartamento, abrindo as gavetas da secretária e os armários de cozinha, como um assaltante a tentar estabelecer uma relação com o proprietário da casa que está a saquear. Estava a apresentar-me ao meu pai, apesar de lhe estar a fazer uma visita muito tardia. Abanei a cabeça de tristeza perante a imagem do seu quarto simples com o colchão estreito, parte da abnegação de um viúvo. Ali, um idoso tinha tido os seus últimos sonhos sobre voos, um devaneio de asas que sobrevoavam desertos e estuários tropicais. Abri o roupeiro e contei seis fardas, penduradas juntas qual equipa de aviação de comandantes seniores. Em cima do toucador, via-se um conjunto de escovas de cabelo com cabo de prata que eu calculava que ele tivesse oferecido à esposa, recordações que o dessa mulher esquelética, mas ainda charmosa, que o receberiam todas as manhãs. Outra recordação dos seus anos de casado era um antigo frasco *Chanel* com o conteúdo há muito evaporado. Premindo a tampa, senti um leve odor, lembranças de uma pele muito amada.

Na casa de banho, abri o armário dos medicamentos à espera de encontrar um pequeno arsenal de suplementos vitamínicos. Mas as prateleiras encontravam-se vazias, salvo um elixir para lavar dentaduras e uma embalagem de vagens de sene. O velhote tinha-se mantido em forma, servindo-se da máquina de remo e da bicicleta de exercício no quarto de hóspedes. Na lavandaria, do outro lado da cozinha, havia uma tábua de passar a ferro e uma mesinha com a chaleira e a lata de biscoitos da empregada. Por trás das pilhas de roupa passada a ferro e de uma fila de camisolas muito engomadas havia um espaço de trabalho com computador e impressora, com alguns livros empilhados ao lado.

Regressei à sala e perscrutei as estantes, com as suas filas de romances populares, almanaques sobre críquete e guias de restaurantes para destinos de voo: Hong Kong, Genebra, Miami. Mais tarde, vasculharia a secretária dele à procura de certificados de ações, de extratos bancários e de declarações de rendimentos, compondo uma imagem financeira do património que ele tinha deixado, esse dinheiro útil, agora que me encontrava desempregado e, ao que parecia, assim iria continuar.

Mas, para já, deixei as gavetas fechadas. Tinha descoberto o suficiente para perceber que mal conhecia aquele velhote e que, provavelmente, jamais iria conhecer. Estava à procura de mim, mas era por demais evidente que não tinha feito parte da vida dele.

No centro do rebordo da lareira, havia uma fotografia emoldurada de um jovem comandante com a sua tripulação ao lado de um *BOAC Comet*, presumivelmente o primeiro comando do meu pai. Imponente e confiante, parecia dez anos mais jovem do que a sua tripulação, podendo passar por meu irmão mais novo.

De cada um dos lados da fotografia havia um conjunto de molduras mais pequenas, cada uma contendo um retrato instantâneo de uma mulher de férias. Uma das fotografias mostrava uma loura alegre, toda ela pernas emergindo de um carro desportivo. Outra loura posava com um equipamento de ténis branco ao lado de um hotel, no Cairo, e, outra ainda, sorria alegremente diante do Taj Mahal.

Outras mulheres sorriam sentadas em mesas de discotecas e recostadas à beira de piscinas. Todas as mulheres no seu escaparate de troféus pareciam felizes e descontraídas; até mesmo a mais intensa, na casa dos trinta e vestida com um casaco de peles, e que eu reconheci como sendo a minha mãe, pareceu ganhar momentaneamente vida sob a objetiva do meu pai. O mostruário era estranhamente encantador e eu já estava a simpatizar com o velho piloto, pelo que decidi que iria tentar conhecê-lo melhor.

Fechei as cortinas da sala de estar, pronto para me ir encontrar com a sargento Falconer na esquadra de Brooklands, que me iria pôr ao corrente da investigação ao trágico tiroteio. Tentando não pensar no jovem perturbado que tinha aberto fogo sobre a multidão de pessoas às compras, contemplei o autódromo de Brooklands, a cerca de oitocentos metros de distância. Uma parte do talude fora preservada como monumento aos anos trinta, a heroica idade da velocidade, a era das corridas de hidroavião do Troféu Schneider e dos voos que batiam todos os recordes, quando glamorosas mulheres-piloto, vestidas com fatos-macaco brancos, acendiam os seus *Craven* A recostadas nas aeronaves. O público fora apanhado num sonho de velocidade que nenhuma agência de publicidade conseguia igualar.

Um odor ténue tinha invadido a divisão, o cheiro forte a água-de-colónia cara, mas desagradável. Parado nas sombras, ao lado das cortinas fechadas, vi um homem atarracado de fato preto parar na entrada, apalpando a parede com a mão direita à procura do interruptor. Na mão esquerda, segurava o que parecia ser um pesado bastão de metal, que ergueu para testar a escuridão.

Forçando-me a manter o sangue-frio, respirei calmamente e afastei-me da janela, escondido do intruso pela porta da sala. Na luz refletida pelas molduras em cima da lareira vi o visitante de grande porte ainda parado no *hall*, hesitante em entrar na divisão. Então, tropecei num par de sapatos de golfe do meu pai, cambaleando e deitando ao chão o quebra-luz do candeeiro de pé ao lado da secretária. O intruso recuou, erguendo o bastão acima da cabeça, à procura de

um alvo. Lancei-me para a porta, investindo contra ela com uma carga de ombros, como num jogo de rãguebi, e ouvi a mão do homem a embater na parede, estilhaçando o mostrador do seu relógio de pulso. Ele virou-se, numa agitação de braços enormes, transpiração e brilhantina, mas pressionei a porta contra a sua mão, forçando os seus dedos gordos a largarem o bastão.

Perdi o equilíbrio e caí em cima da poltrona de couro. Quando me levantei e puxei a porta, arquejando no ar perfumado, o homem tinha-se ido embora. Ouviam-se passos inconstantes escadas abaixo, o coxear típico de alguém com uma rótula fraturada. Ouviu-se bater mais uma porta, mas quando espreitei à janela da sala o parque de estacionamento e os jardins estavam silenciosos.

Corri as cortinas, abri as janelas, sentei-me na poltrona e esperei que o odor do intruso se dissipasse. Calculei que ficara tão intimidado com o apartamento do meu pai que me esquecera de fechar a porta da frente ao entrar. O visitante com o bastão comportara-se mais como um assaltante ou um detetive privado do que como um vizinho a fazer uma visita de condolências.

Quando saí para o meu encontro com a sargento Falconer, encontrei o «bastão» no chão ao lado da porta. Peguei nele, desenrolando uma pesada revista, um exemplar do *Journal of Paediatric Surgery*.

O TUMULTO

— Já me ocorreu — disse eu à sargento Mary Falconer. — Ciclopes...

— É esse o nome dele? — Ela falava devagar, como se estivesse a tentar acalmar um dos seus prisioneiros mais palermas. — O homem no apartamento do seu pai?

— Não. — Aponte, pela janela da cantina, para o telhado do Metro-Centre. — Estou a falar do centro comercial. É um monstro. Faz-nos parecer tão pequenos.

Sem erguer o olhar dos seus apontamentos, ela respondeu:

— A ideia deve ser mesmo essa.

— A sério? Porquê, sargento?

— Para que compremos coisas que nos façam crescer outra vez.

— Interessante. Quase parece um slogan. Devia trabalhar para o Metro-Centre.

— Espero que não.

— Presumo, então, que não faça lá as suas compras?

— Não se o puder evitar. — A sargento Falconer olhou de relance para o seu espelho de bolso, permanentemente à mão, ao lado das suas pastas, e prendeu uma madeixa solta de cabelo louro na trança apertada. — Se fosse a si, mantinha a distância daquele lugar, Sr. Pearson.

— Tenciono fazê-lo. Quem me dera que o meu pai tivesse seguido o mesmo conselho.

— Todos nós. Foi uma grande tragédia. O superintendente Leighton pediu-me para lhe transmitir os seus...

Esperei que a sargento completasse a frase, mas a sua mente tinha-se dispersado. Virou-se para a janela, evitando olhar para o Metro-Centre. Uma promissora recém-licenciada, estava claramente destinada a coisas mais importantes do que consolar familiares enlutados, em nada um papel ideal para uma mulher dura, mas estranhamente vulnerável. Parecia-me pouco segura acerca de mim e algo inquieta consigo mesma, olhando constantemente para as unhas e examinando a sua maquilhagem, como se houvesse o risco de pedaços de um disfarce elaborado se desintegrarem. Muita da sua aparência era obviamente falsa — a maquilhagem imaculada, típica de salão de beleza, e a maneira de falar estilo programa de televisão matinal —, mas faria isso parte de um *bluff* duplo? Na sala de interrogatórios, explicara-lhe que mal tinha conhecido o meu pai e ela escutara-me com uma expressão compreensiva, embora estivesse ansiosa para despachar o assunto da morte em si. Num esforço para minimizar a tensão, tinha aberto a boca e esboçado um sorriso surpreendentemente rasgado, quase em jeito de provocação, escondendo-se depois por trás dos seus maneirismos mais formais.

Bateu no seu caderno com um lápis muito roído.

— Este homem que diz que o atacou...

— Não. Ele não me atacou. Eu é que o ataquei. Aliás, devo tê-lo magoado. Talvez fosse um médico. Devia confirmar no hospital local.

— O que aconteceu exatamente?

— Estava a fechar as cortinas, olhei à minha volta e lá estava ele, a empunhar uma espécie de taco. — Fiz um rolo com a revista pediátrica e levantei-o sobre a mesa, como se estivesse prestes a atingir a sargento Falconer na cabeça, e depois deixei que ela me tirasse das mãos. — Devo ter exagerado na minha reação. É um defeito meu.

— E porquê? — A sargento fitou-me durante uns segundos. — Faz ideia?

— Imagino que sim. — Havia algo naquela mulher-polícia atraente e estranha que me fazia querer falar. — A minha mãe nunca voltou a casar. Sempre senti que tinha de a defender. Se o médico fizer queixa, diga-lhe que tenho andado sob grande pressão.

— Lá isso é verdade. Infelizmente, não vai ficar por aqui. Prepare-se, Sr. Pearson. — Num tom de voz descontraído, como se estivesse a recitar o horário de um autocarro, disse: — Esta tarde, o acusado será transferido da esquadra de Richmond para Brooklands. Pernoitará aqui esta noite e será levado perante o juiz amanhã.

— Nota máxima para a polícia. Quem é ele?

— Duncan Christie. Vinte e cinco anos, caucasiano, residente em Brooklands. Já foi acusado da morte do seu pai e de mais duas vítimas. Calculamos que seja mandado para julgamento no Tribunal da Coroa de Guildford. — A sargento Falconer apontou para as minhas mãos magoadas com uma expressão severa. — É importante que nada perturbe a audição, Sr. Pearson. Estará presente amanhã no tribunal?

— Não tenho a certeza. Não sei se me conseguirei aguentar.

— Compreendo. O julgamento pode ser só daqui a seis meses. Por essa altura...

— Já estarei mais calmo? Tribunal da Coroa de Guildford... Presumo que ele seja considerado culpado.

— Não temos como saber. Entrevistei três testemunhas que têm a certeza de que viram o Christie com a arma.

— Seja como for, ele escapou. Ninguém o deteve.

— Foi um caos completo, uma autêntica debandada. Os paramédicos tiveram de entrar à força no Metro-Centre. Quatro mil pessoas fugiram para as saídas. Centenas ficaram feridas tentando escapar. Há uma lição a tirar disto, Sr. Pearson.

— E o meu pai pagou o preço. — Sem pensar, peguei-lhe na mão e fiquei surpreendido com o calor da mesma. — Porquê alvejar um velhote?

— O seu pai não era o alvo, Sr. Pearson. — Com toda a calma, ela soltou a mão e pousou-a frouxamente em cima da mesa, como se fosse uma prova. — O atirador disparou aleatoriamente sobre a multidão.

— Louco... Esse tal de Christie, um doente mental qualquer. Porque é que estava autorizado a andar na rua?

— Estava a desfrutar do seu dia de saída autorizada do Hospital de Northfield. Os médicos achavam que estava pronto para ver a mulher e a filha. Foi uma decisão deles.

— Não me parece muito convencida.

— Não somos psiquiatras, Sr. Pearson. O Christie era muito conhecido em Brooklands. Andava sempre a fazer campanha contra o Metro-Centre.

— É um alvo de peso.

A sargento Falconer fechou as pastas. Fiquei à espera de uma demonstração emotiva da sua parte, uma denúncia daquele inadaptado psicopático, mas o seu tom de voz era tão neutro como o gelo.

— A filha dele foi ferida pelo camião de um empreiteiro. Um barras de ferro descaíram durante uma das manifestações. A empresa ofereceu-lhe uma compensação, mas ele recusou. Estava constantemente a transgredir os termos da sua liberdade condicional e acabou por ser internado.

— Ótimo. Alguma coisa fizeram bem.

— Foi uma forma de evitar que fosse preso. Na altura, ele teve imenso apoio.

— Apoio? — Digeri essa notícia com calma, tentando não olhar nos olhos da sargento Falconer. Não obstante o seu tom neutro, senti que me estava a tentar dizer alguma coisa e que me tinha convidado para tomar café na cantina para poder abordar a verdadeira razão por trás do nosso encontro. Continuei, calmamente. — Sim, sargento? Continue.

— Nem toda a gente gosta do Metro-Centre. Não lhe posso dar nomes, mas são pessoas que entendem que o centro comercial estimula as pessoas de forma errada. Toda a gente quer mais e mais, e quando não o conseguem estão dispostos a ser...

— Violentos? Aqui, no verdejante condado de Surrey? O paraíso do consumidor? Custa-me a acreditar. Por outro lado, é difícil não reparar nas faixas e bandeiras, nos homens vestidos com camisolas com a cruz de São Jorge.

— Chefes de claque. Ajudam-nos a controlar as multidões. Pelo menos, é o que o superintendente Leighton gosta de pensar.
— A sargento fitou cautelosamente o teto. — Tome cuidado se decidir sair à noite, Sr. Pearson.

Ela recostou-se, virando o rosto de perfil. A máscara de mulher-polícia tinha-lhe caído, revelando a insipidez emocional de uma recém-licenciada determinada, mas insegura. À sua maneira desajeitada, pretendia a minha ajuda. Ocorreu-me que não tinha criticado o Duncan Christie uma única vez, apesar do sofrimento e tragédia provocados por ele.

Disse-lhe:

— Certo... Detesta o Metro-Centre, sargento?

— Nem por isso. Aborrece-me, de certa maneira. Mas não diria que o detesto propriamente.

— E a zona de Brooklands?

Ela descontraíu os ombros e guardou o espelho de bolso, como se se tivesse apercebido de que a autovigilância jamais seria suficiente.

— Candidatei-me a uma transferência.

— Demasiada violência?

— A ameaça da mesma.

Apeteceu-me pegar-lhe novamente na mão, mas ela parecia estar a corar. Ao mesmo tempo que a tarde chegava ao fim, um brilho avermelhado iluminava o espelhado da cúpula do Metro-Centre, um sol interior.

Comentei.

— Parece que está a acordar.

— Nunca dorme. Acredite no que lhe digo, está mais do que desperto. Tem o seu próprio canal por cabo. Guias de estilo de vida, dicas domésticas, em especial para os lares que as percebem.

— Incitamento ao racismo?

— Dentro desse género. Há pessoas que acham que está a preparar-nos para um mundo novo.

— E quem é que está por trás de tudo isso?

— Ninguém. É aí que reside a beleza de tudo isto.

Ela pôs-se de pé, reunindo as suas pastas. Percebi que estava a fechar-se. Inicialmente, falara-me como se eu fosse uma criança e eu partira do princípio de que o seu papel era atenuar a minha raiva e fazer-me regressar a Londres; mas ela usara o nosso encontro para fazer passar a sua própria mensagem. De certa maneira, ela própria era a mensagem, uma amálgama de constrangimento e inquietude dentro de um embrulho de loura elegante. Desatara uns quantos laços e agora voltara rapidamente a atá-los.

Enquanto caminhávamos por entre as mesas, perguntei-lhe:

— Encontraram a arma que esse tal de Christie utilizou? O que era? Alguma *Kalashnikov* comprada por catálogo?

— Ainda não apareceu. Uma *Heckler & Koch*, semiautomática.

— *Heckler & Koch*? Isso é uma arma utilizada pela polícia. Pode ter sido roubada numa esquadra.

— E foi. — A sargento Falconer perscrutou a cantina vazia como se a visse pela primeira vez. — Está a decorrer um inquérito. Será mantido informado, Sr. Pearson.

— Folgo em sabê-lo. Diga-me, de que esquadra é que foi roubada?

— Da Brooklands Central. — Ela falava com uma descontração deliberada. — Onde nos encontramos neste preciso momento.

— Esta esquadra? Custa-me a acreditar...

Porém, a sargento Falconer já não me estava a ouvir. Aproximou-se da janela e espreitou para a avenida em baixo, ao lado da entrada do parque de estacionamento da esquadra. Uma multidão começava a formar-se, residentes de Brooklands bem vestidos com elegantes gabardinas, muitos deles carregados com sacos de compras do Metro-Centre. Enchiam o passeio diante da esquadra, mantidos à distância por meia dúzia de agentes.

Vários homens entroncados envergando camisolas com a cruz de São Jorge agiam como *stewards*, afastando algumas pessoas de uma jovem mulher negra parada no meio da estrada de mãos dadas com uma criança pequena. A mãe estava claramente exausta, tentando cobrir a face e o lábio superior inchados. Mas ignorou a multidão hostil e olhou por cima dos rostos furiosos, para as janelas da esquadra.

— A Sra. Christie e a filhota deles. Era mesmo necessário tê-la trazido consigo? — A sargento Falconer consultou o seu relógio de pulso com o sobrolho franzido. — Peço desculpa, Sr. Pearson. Não queria que fosse obrigado a ver tudo isto.

— Não se preocupe. — Aproximei-me do sítio onde ela se encontrava junto à janela, inalando o seu odor, uma mistura intoxicante de *Calèche* e estrogénio. Olhei fixamente para a jovem mulher negra, sozinha com a sua raiva e inteligência feroz. — É preciso ter coragem.

— Não sinta pena dela. Eu ajudo-o a sair para a rua lateral.

Os flashes piscavam perto dos portões que conduziam ao parque de estacionamento. As pessoas na multidão atiravam buquês desfeitos à Sra. Christie. Enquanto ela enxotava as pétalas em tons vermelho-sangue, um conjunto de luzes de televisão iluminou-lhe o rosto fatigado.

— Sargento, a multidão está a começar a ficar agitada. Ainda vai haver um motim.

— Um motim? — Ela fez-me sinal para a escadaria à saída da cantina. — Sr. Pearson, as pessoas não se amotinam, em Surrey. São demasiado educadas para isso e muito mais perigosas...

Passámos pelos escritórios vazios do Departamento de Investigação Criminal, onde ecrãs de computador tremeluziam sobre secretárias desarrumadas. As janelas da escadaria davam para o parque de estacionamento, onde a multidão fazia pressão de encontro à barreira de agentes da polícia. Agentes fardados enchiam o corredor abaixo de nós, a postos para receberem o prisioneiro.

Já havia espetadores a correrem pelo parque de estacionamento. Um carro da polícia forçou a sua passagem, com a sirene a tocar, seguido de uma carrinha branca com uma proteção de rede metálica baixada sobre para-brisas, como uma viseira. Uma garrafa de água mineral estilhaçou-se contra a mesma, espalhando a espuma de uma *Perrier* sobre o vidro.

Ouviu-se um rugido vindo dos espetadores que já se encontravam dentro dos portões, o latido visceral de uma multidão furiosa

que sentira o odor de uma guilhotina próxima. Os agentes na zona de receção saíram para a rua, formando uma barreira em torno da carrinha quando esta abriu as portas da traseira.

A jovem mulher negra foi varrida para o centro da confusão, com a filha nos braços. Fiquei à espera de que alguém a fosse socorrer, mas os meus olhos estavam fixados no homem que saía da carrinha. Um agente lançou um cobertor por cima dele, mas, por breves instantes, vislumbrei o seu rosto macilento e por barbear, o queixo com cicatrizes marcado da acne, a testa enrubescida por murros recentes. Ignorou a multidão e dos agentes da polícia que o empurravam, fitando as antenas de rádio por cima da estação, como se esperasse receber uma mensagem de uma estrela distante. A sua cabeça oscilou com uma espécie de embriaguez, um vazio mental misturado com uma profunda fome interior quase messiânica. Eu percebia-lhe anos de malnutrição, desmazelo e arrogância, o rosto de assassinos através dos tempos, de implacáveis homens metropolitanos de outra era que tinham sobrevivido até ao século XXI, tão deslocados entre automóveis e boleias para as escolas dos subúrbios prósperos como um homem de Neandertal numa espreguiçadeira junto à piscina na Costa Blanca. De alguma maneira, aquele homem inadaptado e louco escapara aos tribunais juvenis e aos inspetores dos serviços sociais, e aprendera a odiar um centro comercial com tamanha intensidade que se sentiu capaz de roubar uma arma e disparar aleatoriamente sobre uma multidão da hora de almoço, matando um piloto de aviões comerciais reformado a comprar o seu tabaco favorito.

Uma aglomeração de agentes cercou-o, entrelaçando os braços ao mesmo tempo que empurravam o prisioneiro em direção à esquadra. Na extremidade dessa aglomeração estava a sargento Falconer, de braços esticados para acalmar os espetadores que gritavam. Ela viu-me parado na janela da escadaria e tive a certeza de que me deixara nas escadas para eu poder ver claramente o homem que tinha matado o meu pai.

A zona de receção encontrava-se agora vazia, à exceção de dois datilógrafos civis que tinham deixado as respetivas secretárias.

Passei por eles e parei na entrada aberta, enquanto a polícia se preparava para empurrar o Christie para o interior da esquadra. Vasculhei os bolsos à procura de uma arma e encontrei as chaves do carro. Segurei-as com força, a chave maior enfiada entre o dedo indicador e o médio. Um golpe em cheio na têmpora do Christie libertaria o mundo daquele degenerado mental.

Com a chave na mão, preparei-me à medida que o Christie se aproximava, a sua cabeça com hematomas emergindo por baixo do cobertor. Vendo-o longe do seu alcance, a multidão avançou em frente, batendo as mãos nas laterais da carrinha. No aperto de agentes sem chapéu que tentavam desviar-se dos sacos de compras agitados no ar, vi a mulher do Christie a gritar obscenidades para uma mulher-polícia que tentava reuni-la com a filha.

Ergui o punho para desferir um golpe no Christie, que cambaleava na minha direção num transe idiota, mas uma mão forte agarrou-me o braço e prendeu-me atrás das costas. Dedos fortes tiraram-me as chaves da ignição da mão. Virei-me e vi um homem com ar de militar e um bigode ruivo não aparado, o seu peito e ombros largos apertados dentro de um casaco de *tweed* demasiado pequeno.

— Sr. Pearson? — Agitou as chaves à frente da minha cara e agarrou-me quando uma mulher-polícia passou com um manifestante detido. — Geoffrey Fairfax, advogado do seu pai. Falámos ao telefone. Se não me engano, temos encontro marcado para daqui a dez minutos. Está mesmo com cara de quem quer desaparecer daqui para fora...

«OS SUBÚRBIOS SONHAM COM A VIOLÊNCIA.»

Um homem armado abre fogo sobre os clientes do Metro-Centre, um gigantesco centro comercial nas imediações do aeroporto de Heathrow.

Uma das vítimas é o pai de Richard Pearson, um executivo ligado à publicidade, recém-desempregado. O principal suspeito é libertado pouco tempo depois, sem qualquer acusação.

Richard, determinado a desvendar o mistério que envolve o caso, começa a ter fortes suspeitas de que algo muito maior e sinistro habita na aparentemente pacata cidade de Brooklands. Ao deparar-se com um mundo neofascista onde os motins são frequentes, as comunidades imigrantes são atacadas por *hooligans* e os acontecimentos desportivos se transformam em comícios políticos chauvinistas, Richard conhece a verdadeira cúpula do Metro-Centre, que, acima de toda a cidade, controla a população como se transformada no olho de um todo-poderoso deus urbano.

Com esta investida distópica e arrepiante – o seu último romance, inédito em Portugal –, J. G. Ballard força a sociedade moderna a olhar-se ao espelho, mostrando-lhe o rosto das forças mais perversas que atuam sob o brilho do consumismo e do patriotismo arreigado.

«Ballard, com todas as suas personagens tomadas pela obsessão e pela necessidade, é, paradoxalmente, um dos grandes escritores da liberdade.»

FINANCIAL TIMES

«O pesadelo de Ballard, em que o consumismo se torna fascismo, contém verdade suficiente para transformar uma ida à IKEA numa sinistra operação secreta.»

DAZED & CONFUSED

«Chocante como sempre e apto a compreender a psique nacional (...), Ballard, mais do que nunca, mantém as suas qualidades lúcidas e quase proféticas.»

SPECTATOR

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-01-7



9 789898 864017

Ficção Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT